COMUNICAÇÃO E EXPOSIÇÃO MUSEOLÓGICA: UMA ANÁLISE DA EXPOGRAFIA DO MUSEU AFRO-BRASILEIRO DE SERGIPE

Douglas Santos Neco[5]

RESUMO

O artigo tem por objetivo analisar a exposição de longa duração do Museu Afro-Brasileiro de Sergipe (MABS) observando as contradições do discurso expográfico ao apresentar aspectos histórico-culturais da população negra de Sergipe. A instituição museológica localiza-se na cidade de Laranjeiras-SE, no Vale do Contiguiba, região que teve grande concentração de negros escravizados devido à produção de açúcar e que, na atualidade, possui uma população declarada majoritariamente como negra. Observa-se no estudo a necessidade de uma renovação de discurso expográfico a fim de evidenciar o protagonismo da população negra da região, através do patrimônio histórico.

Palavras-chave: Museu. Expografia. Afro-brasileiro. Sergipe.

ABSTRACT

The article aims to analyze the long-term exhibition of the Afro-Brazilian Museum of Sergipe (MABS) observing the contradictions of the expographic discourse when presenting historical and cultural aspects of the black population of Sergipe. The museological institution is located in the city of Laranjeiras-SE, in the Contiguiba Valley, a region that had a large concentration of enslaved blacks due to the production of sugar and which currently has a population mostly declared as black. It is observed in the study the need for a renewal of the expographic discourse in order to highlight the role of the black population in the region.

Keywords: Museum. Expography. Afro-Brazilian. Sergipe.

Introdução

O município de Laranjeiras está localizado no estado de Sergipe, às margens do rio Cotinguiba e possui uma população majoritariamente de descendentes de pessoas que foram escravizadas na lavoura açucareira. Possui destaque no campo do patrimônio por possuir um conjunto arquitetônico com edifícios que remontam ao estilo Barroco e

[5] Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre em Arqueologia pelo Programa de Pós-graduação em Arqueologia (PROARQ/UFS), Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), endereço institucional, douglasneco@academico.ufs.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5805-0930.

Neoclássico, mas também pelo grande número de grupos folclóricos vinculados à matriz africana. Inaugurado em 1976, pelo decreto nº 3.339, e instalado em um dos muitos edifícios históricos tombados pelo IPHAN, o Museu afro-brasileiro de Sergipe (MABS) identificado na figura 01[6], foi idealizado no contexto de revitalização do patrimônio histórico da cidade, em meio às políticas de proteção ao patrimônio histórico e arquitetônico, possuindo como proposta inicial tratar da "cultura popular por meio de um Museu do Folclore, mas essa proposta foi alterada, surgindo então um museu voltado para a temática afro-brasileira" (SANTOS; MENDONÇA; BONFIM, 2012). O artigo tem por objetivo apresentar o discurso expográfico da exposição de longa duração do museu, que com algumas pequenas modificações, continua o mesmo desde a sua fundação arrazoando sobre a necessidade de mudanças a fim de contemplar, de maneira mais satisfatória, a representação da população afro-brasileira em Sergipe.



Figura 01. Fotografia Douglas Santos Neco (2019).

Comunicação Museológica

A Comunicação pode ser compreendida como a ação de transmitir ou receber informações. As finalidades que se pretende alcançar com a comunicação museológica devem ser cuidadosamente planejadas, de modo a conseguir alcançar o mais variado

[6] Fachada do Museu Afro-Brasileiro de Sergipe (MABS), localizado no centro histórico de Laranjeiras/SE.

tipo de público, levando em consideração que o mesmo não é homogêneo. Ao se pensar um discurso expográfico é necessário avaliar que o museu "formula e comunica sentidos a partir do seu acervo" possuindo a Museologia um grande papel social ao transmitir informações para o público (CURY, 2005, p.367). É importante salientar que a comunicação museológica e as exposições possuem suma importância no processo comunicacional em museus, pois viabiliza ao seu receptor o entendimento, da maneira mais coerente possível, informações sobre a vida do ser humano em sociedade. A comunicação museológica estreita as relações entre o público e a instituição Museu. Para Cury,

> [...] Exposições é, didaticamente falando, conteúdo e forma sendo que o conteúdo é dado pela informação científica e pela concepção de comunicação como interação. A forma das exposições diz respeito à maneira como vamos organizá-la, considerando a organização do tema (enfoque temático e seu desenvolvimento), a seleção e articulação dos objetos, a elaboração de seu desenho (a elaboração espacial e visual) associados a outras estratégias que juntas revestem a exposição de qualidades sensoriais (CURY, 2005, p.42).

As questões a serem consideradas na elaboração de uma exposição segundo Cury (2005) reforçam os cuidados no planejamento, em especial, às subjetividades produzidas pelo visitante ao ter contato com exposições – sendo observada a necessidade de uma averiguação sobre o impacto da mesma, ou seja, a receptividade do público visitante, e se necessário, a possibilidade de correções. Considerando o cuidado e atenção indispensável na concepção das exposições, que constantemente são concebidas nos espaços físicos (museus, galerias...), salientamos que é preciso atentar-se aos detalhes, pois as mesmas estarão disponíveis para interpretações do visitante. Para Maria Cardoso, a exposição é "o palco e o espaço cênico onde os vários códigos comunicativos interagem, se compõem e se articulam fazendo a sintaxe da imagem global", sendo ainda para a autora "o espaço onde cronologicamente o evento se experimenta, se vive de modo mais ou menos intenso, de modo mais ou menos instável e ou efêmero" (CARDOSO, 2005, p.1906). É importante lembrar que embora haja uma extrema preocupação com o sistema de códigos a serem apresentados em uma exposição, os aprendizados/reflexões são variados e a subjetividade do receptor será o fio condutor na dinâmica de significados comunicacionais apresentados. Contudo as técnicas expositivas não serão suficientes para um bom êxito comunicativo através das

exposições, pois para tal efetivação torna-se necessário entender as demandas das comunidades que rodeiam esses espaços e desenvolver um trabalho em cooperação a fim de resolver suas problemáticas.

Em uma análise dos processos de curadoria em museus, Julia Moraes crítica "a maneira como os museus conduzem os processos curatoriais em seu interior", pois tais práticas "traduzem a forma como as instituições se pensam, articulam e comunicam com seu público" (MORAES, 2011, p.3000). Observa-se, deste modo, que o visitante pode tornar-se parte principal no processo expositivo, ou seja, sendo a comunidade consultada no processo de concepção de uma exposição. De acordo com Moraes o "elemento fundamental" da comunicação museológica são os visitantes da qual "as exposições fazem parte e sem o qual as exposições não exercem seu papel principal" (MORAES, 2011, p.3006). Para a autora, os visitantes são:

> Receptores do processo de transferência de informação que constitui a exposição, os visitantes são entendidos por aqueles profissionais que concebem, planejam e realizam exposições como produtores de conhecimento em potencial. Dar subsídios informacionais para a produção de conhecimento do visitante é, portanto, uma das principais funções das exposições, seja qual for o tipo de acervo exposto, a abordagem dada ao tema ou a especialidade do museu. Sob esta perspectiva, o processo curatorial deve ser dirigido para este fim. (MORAES, 2011, p.306)

Embora haja as mais variadas concepções de exposição museológicas e curadoria, torna-se evidente os cuidados necessários a serem feitos quanto à percepção do visitante – pois é a ele que será direcionado às dimensões entre comunicação, informação e exposição. Tais questões estão inteiramente relacionadas e em constante sincronia, alcançando assim um diálogo eficiente entre gestão de planejamento e o resultado final que chegará ao visitante. A relevância da comunicação em exposições deve também levar em consideração uma linguagem que seja acessível ao público não apenas como transmissor de informações, mas gerador de conhecimento que aproxime cotidiano/vivências em um desenvolvimento social.

No entanto, a inter-relação entre as diversas ferramentas possíveis que visam melhoria comunicacional, informacional nos museus devem ser pensadas e aperfeiçoadas cuidadosamente em narrativas museológicas quando trabalham em harmonia. As tomadas de decisões pelos profissionais de instituições museológicas devem ser feitas de maneira cooperativa em busca de desenvolver o melhor desempenho

possível em todos os processos de concepção e montagem de exposições e nas demais ações de comunicação que se entrelaçam, devendo atentar-se a questionamentos necessários como: finalidade da exposição, público, conteúdo, segurança visitante, em projeto que esteja bem fundamentado para aplicação e posterior avaliação que ocasionam correções.

Museus como instrumento de desenvolvimento

Alguns pesquisadores tem se debruçado em analisar exposições em museus brasileiros que fazem alusão as memórias afro-brasileiras, como os escritos de Marcelo Cunha, Joana Flores e Nila Barbosa que refletiram as representações dos negros(as) nos museus. Para Cunha as memórias afro-brasileiras "foram manipuladas, deturpadas e minimamente preservadas em museus" devido a um "ideal de branqueamento nacional" associado a "um imaginário civilizatório" de "perspectiva eurocêntrica" que disseminou uma imagem preconceituosa e reducionista das culturas africanas, sua diáspora no Brasil e papel na atualidade (CUNHA 2017, p. 78). Cunha discute o modo de representação atual da população negra em espaços museais através de uma análise crítica que abre espaço para um leque de posições a serem pensadas a partir do papel da instituição Museu e do campo da Museologia.

Muito vem se debatendo ao longo dos anos quanto à função/papel social do museu, em encontros como a Mesa Redonda de Santiago no Chile (1972), na Declaração de Quebec (1984) e na Declaração de Caracas (1992) que produziram documentos que demonstravam a necessidade do museu se aproximar dos diversos segmentos sociais. A valorização de saberes populares e participação da comunidade somam significativa importância. Neste sentido, em meio a mudanças, resta saber quais desses pensamentos chegaram a ocasionar mudanças nas exposições que permeiam os espaços que tratam do povo afrodescendente no Brasil. Para Cunha,

> Se fosse necessário definir o perfil identitário dos nossos museus veríamos que os mesmos representam predominantemente o segmento masculino, branco, cristão, abastado, heterossexual e com educação formal baseada em valores ocidentais tradicionais. Mas a sociedade, certamente, é mais ampla que este perfil, e todos precisam ser contemplados

> em nossos espaços de memória. Muitas são as referências que precisam vir à tona nesses espaços. (CUNHA 2017, p.84)

Para Mário Chagas (2006, p.33) os museus são a um só tempo "lugares de memória e de poder" em que exclusões são feitas por grupos que detêm o domínio da construção da memória. Diversos grupos vinculados ao movimento negro têm buscado reivindicar uma maior representatividade da cultura afro-brasileira nos museus, com o engajamento de diversos profissionais do campo da Museologia, em abordagens que proporcionam a não exclusão dos grupos historicamente vulneráveis, com a não reprodução de exclusões. Entretanto, ações pautadas na museologia social para a modificação de determinados discursos a respeito da cultura afro-brasileira não é uma tarefa fácil em algumas instituições, pois a participação da comunidade não ocorre de maneira efetiva.

A museóloga Joana Flores em seu livro *Mulheres Negras e Museus de Salvador: diálogo em branco e preto (2017)* refletiu sobre a representação de forma estereotipada e hierarquizada, em comparação com as mulheres brancas, da mulher negra nos museus de Salvador/BA. Para Flores as reproduções destes corpos negros postos em lugares de menor visibilidade, descritas em pequenas informações imprecisas é um ato de exclusão. Essas representações, embora analisadas com as lentes voltadas aos museus de Salvador/BA, podem ser aplicadas como forma de análise em outros museus brasileiros. Os silenciamentos, as formas estereotipadas de representação ou exclusão da cultura afro-brasileira e dos corpos negros nos museus estão relacionadas às relações de poder da sociedade brasileira que continua a reproduzir atitudes racistas nas práticas cotidianas e institucionais. Para Joana Flores,

> A exposição, reafirmo, autoriza em alguns casos, a relação de subordinação de determinados grupos, como recurso para evidenciar a hierarquia de outros já estabelecidos pela historiografia oficial como grupos dominantes. Nessa perspectiva, a exposição museológica de longa duração torna-se mais um mecanismo de legitimação do poder das elites sobre os grupos historicamente excluídos (FLORES, 2017, p.66).

As afirmações trazidas por Flores definem com precisão as problemáticas que podem ser encontradas nas instituições museológicas, e que devem ser minuciosamente identificadas, pois incidem diretamente na exclusão dos grupos historicamente marginalizados e não representados no espaço dos museus. O Museu Afro-Brasileiro de

Sergipe, assim como outros em vários estados no Brasil, são alvo de críticas por realizar uma representação da população negra vinculada constantemente aos suplícios da escravidão, que muitas vezes naturaliza a violência no contexto do escravismo em detrimento da valorização do legado cultural dos mesmos.

Neste sentido, ao discutir o papel das "exposições museológicas" e como elas podem ser usadas para destacar a hierarquia social e o poder das elites em relação aos grupos historicamente marginalizados a autora nos leva a refletir alguns pontos como: exposição museológica ao se referir a exibições em museus, onde objetos, artefatos, obras de arte e informações históricas são apresentados ao público para fins de educação, entretenimento e preservação da cultura e da história.

Um segundo ponto seria a relação de "subordinação", isso significa que, em algumas exposições, certos grupos podem ser retratados como estando em uma posição inferior ou subordinada em relação a outros grupos. Assim, nos deparamos com outro quesito de reflexão: a "hierarquia", essa refere-se à organização social em camadas, onde alguns grupos detêm mais poder, privilégios ou influência do que outros. A exposição pode ser usada para mostrar essa hierarquia social.

Ao abordar exposições sobre a história e a cultura dos negros, é essencial considerar os conceitos de subordinação e hierarquia que permearam a experiência dessas comunidades ao longo da história. A subordinação refere-se à prática de sujeitar um grupo racial ou étnico a tratamento desigual, discriminação e opressão sistêmica. No contexto das exposições sobre negros, é importante reconhecer e documentar as maneiras pelas quais os negros foram historicamente subjugados, escravizados e privados de seus direitos.

Por outro lado, a hierarquia implica a estrutura de poder e privilégio que frequentemente colocou os negros em posições subalternas na sociedade. Isso pode ser explorado em exposições através da análise das instituições que perpetuaram essas hierarquias, como a escravidão, o apartheid, a segregação racial e outras formas de discriminação.

Exposições sobre a população negra devem abordar esses conceitos de subordinação e hierarquia de maneira sensível e informativa. Elas podem destacar as lutas históricas por igualdade e justiça, celebrar as realizações e contribuições significativas dos negros à sociedade e também ressaltar as questões contemporâneas

relacionadas ao racismo e à desigualdade. Dessa forma, as exposições podem contribuir para uma compreensão mais completa e compassiva da história e da experiência dos negros.

Seguindo essa análise devemos mencionar a Historiografia Oficial[7], onde podemos observar, que, as exposições podem ser usadas para destacar e reforçar a visão da história promovida pelas elites ou grupos dominantes. Deixando à margem os grupos historicamente excluídos, tendo em vista que os espaços de memória se materializam enquanto mecanismo de legitimação do poder das elites, quando não são construídos de maneira participativa e democrática. Neste sentido, a exposição museológica de longa duração é vista como um instrumento que pode ser usado para legitimar ou justificar o poder das elites ao retratar uma visão da história que favorece esses grupos.

Proferiríamos que, as exposições museológicas podem ser usadas como ferramentas para moldar a percepção da história e da sociedade, muitas vezes destacando o poder e a influência das elites em detrimento dos grupos historicamente marginalizados. Isso levanta questões sobre como as narrativas históricas são construídas e como elas podem afetar a nossa compreensão do poder e da desigualdade na sociedade. Sobre a questão Nila Barbosa afirma que:

> As exposições de museus que abordam culturas das diásporas africanas no Brasil quando remetem a escravidão, por exemplo, insistem em naturalizar a condição de escravizado como uma peça do processo escravagista tanto como o é o conjunto dos instrumentos de suplicio como as correntes, açoites, gargalheiras, etc. Neste sentido a representação da escravidão na exposição museológica resulta comprometedora da imagem de museu como lugar de memória e de referência de processos históricos. Ela passa a mensagem traumática da escravização e do castigo que inferioriza e não do que produz a resistência, história e descendência (BARBOSA, 2012, p.103)

A autora destaca uma preocupação importante relacionada à forma como as exposições de museus abordam a história da escravidão e as culturas das diásporas africanas no Brasil. Em seus argumentos Nila Barbosa (2012) enfatiza que, muitas dessas exposições tendem a naturalizar a condição de escravidão, retratando-a como uma parte inevitável do processo escravagista, assim como os instrumentos de suplício, como correntes e açoites. Esse enfoque compromete a capacidade dos museus de atuarem como lugares de memória e referência histórica. Neste sentido, ao focar

[7] Isso se refere à narrativa histórica aceita e promovida por instituições e autoridades.

predominantemente na representação do sofrimento e da opressão dos escravizados, as exposições museológicas podem falhar em transmitir a história completa e multifacetada das diásporas africanas no Brasil. Em vez disso, elas tendem a perpetuar uma visão traumática da escravidão, que sublinha a inferiorização dos escravizados e a violência que sofreram, em detrimento do que essas culturas produziram em termos de resistência, história e descendência.

Portanto, devemos enfatizar uma abordagem mais equilibrada nas exposições museológicas, que não apenas reconheça o sofrimento dos escravizados, mas também destaque suas realizações, resiliência e contribuições para a sociedade brasileira. Isso permitiria que os museus desempenhassem um papel mais eficaz na preservação da memória histórica e na promoção de uma compreensão mais completa das experiências das diásporas africanas no Brasil.

Observando a questão no âmbito do patrimônio é necessário compreender que os bens musealizados – assim como os bens patrimonializados – devem estar a serviço do desenvolvimento local – um desenvolvimento que envolve a educação da sociedade quanto a sua história e legado para as gerações futuras. Para Hugues de Varine o patrimônio não pode se limitar "à satisfação de um pequeno grupo", mas deve ser um recurso, ou seja, "deve servir concretamente a todos e ao conjunto de dimensões do desenvolvimento, isto é, não apenas à cultura e ao turismo, mas também a sociedade em seu todo, à economia, à educação, à identidade, e a imagem, ao emprego à inserção social, etc" (VARINE, 2012, p.82). Neste sentido, pensamos no papel social do museu ao refletir sobre o protagonismo da população negra na formação do povo brasileiro em ações de comunicação museológica que valorize acervos/histórias afro-brasileiras.

Logo então os museus desempenham um papel multifacetado no desenvolvimento social, econômico e cultural. Eles enriquecem as vidas das pessoas, promovem a compreensão intercultural, preservam a herança cultural e contribuem para o progresso das comunidades e nações. Como tal, eles são instrumentos essenciais para o crescimento e o enriquecimento da sociedade desde o cultural e educativo onde proporcionam oportunidades para o público aprender sobre seu passado, identidade cultural e herança artística. Isso contribui para o enriquecimento cultural e educacional das comunidades.

Bem como, desenvolvimento regional, de tal modo os museus muitas vezes servem como âncoras culturais em comunidades locais. Eles podem revitalizar áreas urbanas e rurais, atraindo investimentos, aumentando o valor das propriedades e promovendo o desenvolvimento econômico local, alargando em pesquisa e inovação contribuindo para a expansão do conhecimento e a promoção da inovação em várias áreas, como história, ciência, tecnologia e artes.

Além disso, esse desenvolvimento proporciona um intercâmbio cultural, entre diferentes países e comunidades. Isso ajuda a promover a compreensão e fortalecer laços culturais, que nos leva à inclusão social. Os museus também podem e devem ser instrumentos de inclusão social, oferecendo programas educacionais acessíveis, atividades para crianças, idosos e pessoas com deficiência, e promovendo a diversidade e a tolerância ao mesmo tempo em que desenvolvem a preservação do patrimônio ao conservar artefatos e objetos históricos.

Por fim, ressaltamos que as mais variadas exclusões que o povo negro sofreu historicamente em instituições museológicas reforçam a construção de preconceitos relacionados ao negro, que não é contemplado com suas memórias e resistências em tais espaços, mas, muitas vezes, representados como submissos ou exóticos. Desta forma, o museu com o seu potencial discursivo, e caráter de lugar de representações pode ser uma peça fundamental para a realização de reivindicações da população negra e de reparações, que incidam diretamente no desenvolvimento da comunidade em um diálogo ativo que tem como canal a exposição.

A exposição do MABS

A partir de algumas visitas feitas ao longo da investigação foi realizada uma análise da exposição de longa duração do Museu Afro-Brasileiro de Sergipe (MABS), observando como o negro é apresentado em um discurso expográfico que, salvo pequenas modificações, continua o mesmo desde 1976. A exposição possui como suporte informacional além dos objetos, etiquetas (com denominação da peça e ano de criação), alguns banners e visita guiada.

Ao ter como nomenclatura “Museu Afro-brasileiro”, faz-se a associação, de imediato, com um espaço que remete a resistência dos afrodescendentes que residiram e residem no território sergipano e consequentemente na região do Cotinguiba, desde seu povoamento até a contemporaneidade. Entretanto, em uma análise sucinta das

representações do negro no MABS, é notório a reprodução de uma visão estereotipada e simplista da participação do povo negro no contexto histórico local. Nota-se que, embora houvesse no período de criação do museu uma série de discussões acerca do papel da Museologia, como a função social do museu, sua relação com a comunidade local, museu como instrumento de desenvolvimento, aprimoramento das exposições, comunicação em museus, entre outros, não é possível detectar o impacto desses discursos no MABS. O discurso expográfico da instituição parece estar alheio ao pensamento da Nova Historiografia da Escravidão – que valoriza o protagonismo Negro – e do Movimento da Nova Museologia – que busca um museu mais próximo da comunidade. Para Pedro Henrique de Melo e Giulia Constante Simões:

> Toda discussão sobre a memória e a importância dos testemunhos são fundamentais ao combate dos apagamentos forçados, dos esquecimentos seletivos e outras formas de seletividade de acontecimentos históricos, ou seja, a partir desses testemunhos e memórias que se cria elementos necessários para trazer a frente aquilo que em segundo plano seria esquecido gradualmente. [...] (MELO; SIMÕES, 2022, p.7)

Os autores enfatizam a importância crucial da memória e dos testemunhos na batalha contra a distorção da história, o esquecimento seletivo e outras formas de manipulação histórica. Eles destacam que a memória coletiva e as experiências pessoais compartilhadas desempenham um papel essencial em trazer à luz eventos e narrativas que, de outra forma, poderiam gradualmente desaparecer ou serem apagados.

Esses testemunhos e memórias não são apenas registros do passado, eles representam as vozes das pessoas que viveram esses eventos, muitas vezes experienciando traumas, desafios e triunfos únicos. Eles contêm nuances e perspectivas que os documentos históricos formais podem não capturar completamente.

Além disso, os testemunhos e memórias têm um impacto profundo na forma como entendemos a nossa própria história e identidade. Eles nos conectam com as experiências de nossos antepassados, nos lembram das lutas que enfrentaram e das lições que podemos aprender. É importante notar que, em muitos casos, grupos ou governos com interesses específicos tentam distorcer ou omitir partes da história para promover uma agenda própria, é aí que os testemunhos e memórias desempenham um

papel crítico, ao contrapor essas tentativas e apresentar uma versão mais precisa e completa da história.

Contudo, eles podem ser usados como evidências em casos de injustiças históricas, como genocídios ou violações dos direitos humanos, ajudando na busca por justiça, reparação e responsabilização. Em suma, a memória e os testemunhos são fundamentais para a preservação da história, a compreensão do passado e a promoção da verdade, justiça e identidade cultural. Eles nos lembram que a história é moldada por pessoas reais e suas experiências, e que é nossa responsabilidade preservar e aprender com essas histórias para construir um futuro mais informado e inclusivo. Este é o ponto de partida para uma jornada que nos levará a explorar a rica história e cultura que o museu tem a oferecer.

Ao entrarmos na instituição, existe um balcão de recepção para os visitantes onde se localizam os guias responsáveis pelo acolhimento, e que guiam todo o percurso expositivo, que se inicia pelo lado direito da entrada do museu. O MABS possui nove salas expositivas, sete que abrigam as exposições de longa duração e duas abrigam exposições temporárias. Localizadas no primeiro pavimento (térreo), estão cinco salas expositivas, quatro de longa duração e uma pequena para exposições temporárias. No segundo pavimento (superior), estão quatro salas, três com as exposições de longa duração e uma sala para exposições temporárias, o museu também possui um jardim ao fundo, onde são cultivadas ervas medicinais usadas nos saberes populares.

Na primeira sala da exposição, que representa a economia açucareira, estão dispostos instrumentos usados em engenhos de cana-de-açúcar e no preparo da farinha de mandioca: carro de boi, canga de boi, prensa de mandioca, gamela, moenda de cana de açúcar, moenda da casa de farinha, arado de ferro, arado de palha dão, carro de boi e uma réplica de moenda de cana-de-açúcar. Porém os objetos que ali foram postos nos parecem apenas rememorar que existiam engenhos naquela região, pois as informações referentes a eles limitam-se a nome, datação e procedência dos equipamentos (quais foram doados por herdeiros de engenhos que existiram em Laranjeiras e nos seus arredores). Existem dois *banners* explicativos da cultura e plantio do açúcar da região, que remetem à monocultura dos donos de fazenda do período, evidenciando que, o corpo negro esteve presente neste circuito histórico, contudo não é mencionado de

forma direta a sua participação. As etiquetas penduradas nos objetos destinados são destinadas apenas para uma explicação simples, técnica e básica, ver a figura 02.



Figura 02. Fonte: Douglas Santos Neco (2019)

Quando o visitante se depara com uma sala repleta de instrumentos de trabalho de um engenho em um museu que pretende tratar da população afro-brasileira fica claro o primeiro silenciamento realizado no discurso expográfico. O negro não é citado como mão-de-obra qualificada (que já conhecia técnicas de plantio de cana-de-açúcar quando do início do tráfico), os diferentes ofícios relacionados a moenda ou o caráter extenuante do trabalho. A sala parece uma demonstração das tecnologias da época para a produção de açúcar.

A segunda sala, seguindo o roteiro, observamos alguns objetos: dispostos numa prateleira, cópias dos quadros sapataria e castigo de Debret, quadro que representa uma negra amordaçada também de Debret, replica de mordaça, estatua de negra dançando, estatua de negro tocando, estatua de negra sentada e acorrentada, algema anjinho, palmatória, correntes, gargalheira; ao centro da sala uma réplica de pelourinho (tronco) com corrente e um chicote pendurado; e tomando parte significativa da sala dois troncos de pés ou pescoço. Nesta sala vemos que a população negra é representada apenas como escravizada, como coisa ou objeto, submissa às mais diversas atrocidades, pois há o

destaque para ferramentas utilizadas pelos donos de escravos na aplicação de castigos e maus tratos. A representação estereotipada do negro no discurso expográfico parece querer indicar ao visitante que não houve qualquer resistência aos castigos, pois a sala é dedicada exclusivamente para os objetos de tortura no período escravocrata.

A sala dos instrumentos de tortura, como é popularmente tratada, por exemplo, ao abordar o martírio poderia mostrar o protagonismo negro e as reinvenções de liberdade – largamente difundidas na historiografia da escravidão nos últimos trinta anos – e apresentar a população o principal personagem da luta contra a escravidão em Sergipe, o quilombola João Mulungu. O discurso expográfico posiciona mais uma vez o negro como objeto que possuía dono, não sendo abordado nenhuma forma de reação ao cativeiro (fugas, laços de compadrio, movimento abolicionista, etc.), ou seja, demonstrando uma passividade do negro aos maus-tratos do escravismo.

Ainda no pavimento térreo os guias levam os visitantes à terceira sala, denominada de Sala dos senhorzinhos, dedicada a rememorar a casa grande[8], onde estão uma série de objetos que remetem a vida cotidiana dos senhores de engenho. No início desta sala está posicionada uma cadeira de arruar, que era usada como transporte dos senhores de engenho, carregados sobre os ombros dos negros, posicionados um em cada extremidade. Ainda nesta mesma sala há um baú, uma mesa de sala de jantar com cadeiras e uma cama, representando os objetos usados pelos senhores da casa grande – as indicações das etiquetas apenas denominam os objetos e apresentam o século de fabricação. A sala parece não fazer sentido em uma instituição denominada Museu Afro-brasileiro, pois não é possível verificar nos objetos expostos nada além da faustosa vida cotidiana da casa-grande e dos senhores de engenho.

Em uma sala ligada a anterior é possível observar a representação da cozinha da casa-grande, com móveis e utensílios domésticos usados durante o preparo de refeições: mesa, panelas de barro, panelas de metal, tachos, pote para água, bule, candeeiros, moedor de café, pilões com e sem batedor, cadeiras, trempe, batedor de sementes, aparador, objetos e elementos para a manutenção da residência. A sala expositiva causa espanto no visitante por não fazer qualquer menção à mulher negra e a influência de ingredientes/pratos da cozinha africana na formação da cozinha brasileira, pois apenas existe uma representação da cozinha da casa-grande. Em um canto perto da montagem

[8] Casa onde residiam os senhores de engenho, fazendeiros no período colonial e imperial.

cenográfica há um manequim representando uma mucama, afirmando no discurso expográfico, o lugar do negro na colonização brasileira.

Não há referências sobre as influências culturais do negro para a formação do Brasil colonial apontada, por exemplo, por Gilberto Freyre, em *Casa-Grande e Senzala*, sobre a forte influência da cultura africana na alimentação no Brasil colonial. A cozinha poderia ter sido um ambiente bem aproveitado para tratar da cultura afro-brasileira no país a partir da culinária. A "Casa Grande e a Senzala" é uma expressão frequentemente usada para descrever uma das dinâmicas sociais mais significativas da história colonial do Brasil. Ela se refere à estrutura social baseada na escravidão que existia durante o período colonial e imperial brasileiro, a isso podemos também perceber e observar em espaços de representação de memorias.

Ao analisar o espaço museológico é feita uma abordagem crítica que nos permite compreender como os objetos e artefatos são distribuídos e dispostos em relação aos lugares de privilégio dentro do museu. A maneira como os itens são organizados e apresentados em um museu pode dizer muito sobre as narrativas históricas e culturais que estão sendo priorizadas. Frequentemente, objetos de destaque ou aqueles que são considerados mais "valiosos" ocupam lugares de privilégio, como salas centrais ou espaços de destaque nas exposições.

Essa distribuição não é apenas física, mas também simbólica. Ela influencia a forma como os visitantes interagem com os objetos e como percebem a importância de diferentes elementos da coleção. A distribuição desigual de objetos em lugares de destaque pode refletir hierarquias sociais, históricas e culturais, bem como os valores e perspectivas daqueles que curaram a exposição.

Portanto, ao analisar o espaço museológico, é importante questionar quem ou o que está recebendo destaque e por quê. Isso nos ajuda a examinar criticamente as histórias que estão sendo contadas e a considerar quais vozes e perspectivas podem estar sendo marginalizadas ou omitidas. A análise do espaço museológico desempenha um papel fundamental na promoção de exposições mais inclusivas e representativas, que reconheçam a diversidade de experiências e contribuições culturais.

A ausência da representação das resistências do povo negro é constante durante o roteiro do MABS. Ao lado do corredor usado para exposições temporárias, há uma escada de madeira que permite o acesso aos módulos expositivos do pavimento

superior, dedicados a representar o sincretismo religioso, como parte da exposição. No topo da escada um manequim representando Exú (Orixá que no candomblé é responsável pela abertura dos caminhos), ao lado em uma exposição tem um àgbá de barro, representação que também representa o mesmo Orixá. A primeira sala do pavimento superior após escadaria encontra-se a exposição de objetos relacionados ao Nagô (segmento religioso de matriz afro-brasileira, existente em um dos terreiros de Laranjeiras/SE), com tais objetos ritualísticos: tambor, cabaça, otá (pedra-fetiche na qual a força sagrada dos orixás é fixada), trajes femininos usados nos terreiros, lenço, blusa, saia, trajes masculinos usados nos terreiros, camisa, calça, avental, pratos de barro, além de fotos em um breve histórico do segmento religioso e da "casa" (modo de referir-se ao terreiro) existentes em Laranjeiras/SE, que pode ser visualizada na figura 03.

A sala, assim como outras duas do pavimento superior que fazem referência às religiões de matriz africana, possui potencial para desmistificar algumas questões e poderia auxiliar na diminuição da intolerância religiosa. Essas salas, localizadas no pavimento superior, constituem recursos valiosos para a promoção da compreensão e do respeito pelas religiões de matriz africana no contexto brasileiro. Elas têm o poder de desmitificar crenças, práticas e tradições frequentemente mal compreendidas, além de contribuir para o combate à intolerância religiosa que persiste em nossa sociedade.

Contudo, isso só poderá ocorrer por meio de exposições bem elaboradas, essas salas podem oferecer informações claras e imparciais sobre as religiões de matriz africana, destacando suas origens, rituais, crenças e contribuições culturais para a sociedade brasileira. Ao fazer isso, elas têm a capacidade de dissipar estereótipos prejudiciais e preconceitos arraigados que podem cercar essas religiões.

Além disso, ao enfatizar a diversidade e a riqueza das tradições religiosas afro-brasileiras, essas exposições podem ajudar a construir pontes entre diferentes comunidades religiosas e promover o diálogo inter-religioso. Ao entender melhor as práticas e crenças uns dos outros, as pessoas são mais propensas a cultivar respeito mútuo e a aceitar as diferenças religiosas. A partir disso, podem desempenhar um papel fundamental na construção de uma sociedade mais pluralista e harmoniosa, onde as pessoas podem viver e praticar suas crenças livremente, sem o medo da discriminação religiosa.



Figura 03. Douglas Santos Neco (2019).

No pavimento superior há uma grande sala dedicada a representação dos orixás com vestuário dispostos em manequins dos principais orixás cultuados nos terreiros de Laranjeiras, são eles: Exú, Iansã, Ossain, Iemanjá, Nanã, Obaluaê, Ogum, Oxalá, Oxossi, Oxum, Oxumarê e Xangô. São divindades da cultura afro-brasileira trazida para o Brasil, que resistiu e resiste até os dias atuais. Apesar de não haver banners sobre a religiosidade e culto dos orixás, a sala traz um importante elemento da cultura afro-brasileira com vestimentas oriundas de diversos terreiros da região, podemos visualizar na figura 04.

Demonstrando o quanto as religiões africanas desempenham um papel fundamental na diversidade cultural e religiosa do Brasil. Com raízes profundas que remontam aos tempos da escravidão, essas tradições espirituais sobreviveram e se adaptaram ao longo dos séculos, deixando uma marca indelével na identidade religiosa do país. Assim, as religiões africanas desempenham um papel significativo na rica tapeçaria religiosa e cultural do Brasil. Elas representam uma conexão com as raízes ancestrais dos brasileiros e continuam a ser uma fonte de inspiração, resistência e celebração da diversidade espiritual e cultural do país.



Figura 04. Fonte: Douglas Santos Neco (2019).

Seguido para sala três do pavimento superior do museu, intitulada Salas das religiosidades, estão dispostos em vitrines alguns objetos religiosos como: símbolo de Xangô, símbolo de Oxalá, símbolo de Ogum, símbolo de Obaluaê, símbolo de Iemanjá, atabaque rum (grande), atabaque rumpi (médio), atabaque ylé (pequeno), agridá (Obaluaê), quartinha (ipadê), búzios (ipadê), cabaça (ipadê), adê/coroa de Iemanjá, copo/bracelete de Iemanjá, igbós de Iemanjá, cadeira/trono do terreiro filhos de Obá, cadeira/trono do Babalorixá Gilberto da Silva (Lê), coroa do Babalorixá Gilberto da Silva (Lê), escudo do Babalorixá Gilberto da Silva (Lé), espada do Babalorixá Gilberto da Silva (Lê), cinturão do Babalorixá Gilberto da Silva (Lê), elementos que possuem relação direta no culto aos orixás, e que eram utilizados em terreiros ainda existentes na cidade. Embora nesta sala seja exposto objetos que possuem uma estreita relação com a comunidade de Laranjeiras, o modelo expositivo apresenta em suas narrativas apenas pequenas descrições técnicas nome/data, sem aprofundamentos do assunto ou da contextualização desses objetos e terreiros, ocasionando mais uma vez uma não representação adequada da cultura afro-brasileira pois os objetos carecem de maiores explicações.

Na última sala seguindo o percurso pré-estabelecido pelo sistema de visitação do museu encontra-se a sala quatro do pavimento superior usada para exposições temporárias. Neste espaço é comum a montagem de exposições festivais que possuem um contato mais direto com a comunidade como no dia de São Cosme e Damião, com a montagem de um altar e a realização de ações educativas voltadas para diferentes públicos.

Apesar do segundo pavimento do museu ser dedicado as religiões de matriz africana em Laranjeiras, fica evidente a ausência de diversas temáticas referentes ao negro em Sergipe ou a abordagem superficial. A discrepância existente entre o primeiro e o segundo pavimento é tão acentuada que parece se tratar de dois museus. Observa-se ainda um silenciamento sobre aspectos socioculturais da população laranjeirense na atualidade como atividades econômicas, manifestações culturais, personalidades negras na região, dentre outros.

São inúmeros os personagens que fazem parte da longa história cultural negra presentes na cidade de Laranjeiras/SE, muitas dessas memórias continuam a existir dentro dos espaços de preservação. Contudo não basta a preocupação com a preservação física, quando os corpos que estão atrelados a essas representações não são valorizados.

A capacidade dos museus promoverem a inclusão, a diversidade e a compreensão cultural está intrinsecamente ligada à forma como eles abordam essas questões em suas exposições. O potencial de um museu como agente de diálogo intercultural e intergeracional é imenso, mas depende de como as informações são apresentadas e contextualizadas. Quando os museus abordam lacunas na representação cultural, valorizam todas as vozes e contribuições dentro da sociedade e reconhecem a complexidade das narrativas históricas, elas desempenham um papel crucial na promoção de sociedades mais inclusivas e informadas.

Assim, essa análise do espaço museológico nos recorda que os museus são espaços onde a preservação do patrimônio cultural está intrinsecamente ligada às questões sociais e culturais mais amplas. E que, elas têm o poder de moldar a maneira como as pessoas entendem a história, a cultura e a identidade, e, portanto, têm a responsabilidade de fazê-lo de maneira equitativa, respeitosa e representativa.

Considerações finais

Ao visitar o MABS, fica evidente que, embora haja diversas recomendações de modificações do discurso expográfico realizada por pesquisadores do campo da Museologia, até o momento a exposição de longa duração permanece a mesma. No atual contexto de extermínio/genocídio da população negra no Brasil, o único museu do estado de Sergipe que faz alusão a temática afro-brasileira, demonstra não possuir efetiva ação para modificação das suas exposições, o que pode ocasionar diretamente a falta de relação de pertencimento, com a própria comunidade local, que quase em sua totalidade são de afrodescendentes.

Este mesmo espaço legitimador proporciona exclusões, quando penso na gama de resistências existentes em Laranjeiras, porém são negadas a compor esse espaço como: Quilombo da Mussuca, exemplo evidente que não é contextualizado no MABS, personalidades como Zizinha Guimarães, João Sapateiro, João Mulungu entre outros, personagens negros(as) marcantes que possuem referências em Laranjeiras – deixados a margem, por não convir ao ideal racista que constrói e cristaliza as narrativas do museu. O negro no MABS é representado, sobretudo no pavimento térreo, como a mão-de-obra da casa-grande e do engenho. O movimento negro em Sergipe configura-se nos mais variados cenários políticos possíveis, em uma militância que é de suma importância, nas abordagens que levam em sua essência as reivindicações de valorização das vidas negras. A coletividade das organizações negras busca o respeito e o direito humano de existir, sendo plausível afirmar que há a necessidade de pensar a museologia integrada à realidade existente, trabalhando coletivamente em suas atividades, em uma perspectiva que valorize a missão do museu e a pessoa humana.

Ressaltamos o potencial significativo que uma instituição museológica possui por meio de suas exposições. Ela se apresenta não apenas como um local de guarda e exibição de artefatos históricos, mas também como um poderoso emissor de informações, capaz de disseminar conhecimento sobre o valioso legado da população negra de uma determinada região.

No contexto específico do museu em questão, seu papel transcende o de um simples depósito de objetos. Ele pode atuar como uma ponte entre o passado e o presente, entre culturas e comunidades. O museu tem o potencial de abrir janelas para a história, tradições, conquistas e desafios da população negra da região em foco. Mais do que apenas expor artefatos, o museu pode se tornar um espaço de vivências em

comunidade. Isso significa que ele tem o poder de criar experiências significativas para os visitantes, nas quais as pessoas podem se conectar com a história e a cultura da população negra de maneira envolvente e educativa.

Ao envolver o público, o museu pode promover a compreensão, a empatia e a valorização das contribuições da população negra para a sociedade. Ele pode desafiar estereótipos e preconceitos, ao mesmo tempo em que celebra as realizações e a resiliência dessas comunidades ao longo do tempo.

Em suma, o potencial de uma instituição museológica vai além de suas exposições estáticas. Ela pode se tornar um agente dinâmico de mudança cultural e social, aproximando o público do museu e criando um espaço onde as histórias e experiências da população negra são honradas, compartilhadas e celebradas. Esse tipo de abordagem transformadora ajuda a construir sociedades mais inclusivas e compreensivas, onde a diversidade é verdadeiramente valorizada.

Referências

BARBOSA, Nila Rodrigues. **Museu e etnicidade – o negro no pensamento museal: Sphan – Museu da Inconfidência – Museu do Ouro Minas Gerais.** Dissertação de (mestrado), UFBA, 2012.

CARDOSO, Maria da Luz Nolasco. **Conceptualizando a ideia de exposição – um método de intervenção ativo no processo comunicativo**. Livro de Actas – 4° SOPCOM, 2005, p. 1905-1910. Disponível em: <http://www.sopcom.pt/actas/cardoso-maria-conceptualizando-ideia-exposicao.pdf> Acesso em: 07 de setembro 2021.

CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu:** a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó, SC: Argos, 2006.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. **Museus, Memórias e Culturas Afro-brasileiras**. 2017. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/4e6f109d/d1c0/4350/953c/c36cbae0f9fc.pdf> Acessado em 20 de junho de 2018.

CURY, Marília Xavier. **Comunicação e pesquisa de recepção: Uma perspectiva teórica-metodológica para museus**. Revista: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12 (suplemento), p.365-80, 2005.

FLORES, Joana. **Mulheres negras e museus em salvador: Diálogo em branco e preto**. Halley S.A. Gráfica e Editora. Salvador/BA 2017.

MELO, Pedro Henrique de; SIMÕES, Giulia Constante. Memórias Traumáticas e Testemunhos: Os Novos Desafios da História. **XXIII Encontro Regional de História da ANPUH/MG**. Disponível em: https://www.encontro2022.mg.anpuh.org/resources/anais/18/anpuh-mg-eeh2022/166033

8921_ARQUIVO_61e661b6117b70b804786614f4301c35.pdf Acesso em: 01 de setembro 2023.

MORAES, Julia Nolasco. **Curadoria e ação interdisciplinar em museus: a dimensão comunicacional e informacional de exposições.** Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, Brasília-DF, outubro de 2011. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/2073/Curadoria%20-%20Moraes.pdf?sequence=1>Acessado em: 10 de Janeiro 2019.

SANTOS, Laedna Nunes; MENDONÇA, Elizabete; BONFIM, Wellington. **A lei federal 10.639/03 e o Museu afro-brasileiro de Sergipe (MABS).** Revista Musear, junho de 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Public/Documents/5-A-lei-federal-10639-03-e-o-museu-afro-brasileiro-de-Sergipe-MABS.pdf> Acessado em 15 de setembro de 2018.

VARINE, Hugues de. **As Raízes do Futuro: O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local**. Editora. Medianiz, Porto Alegre- RS, 2012.